
A ESCOLA NORMAL DE ITUVERAVA: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

BARRACHI, Sônia Bernadete Martins¹

RESUMO: O texto constitui parte de uma investigação objetivando a elaboração de uma Dissertação de Mestrado a ser defendida no Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto-SP. Recupera aspectos relacionados a historicidade da escola Normal de Ituverava enfatizando como se deu a formação de professores no período de 1950 a 1970. Identifica a questão de gênero, o perfil econômico e regional dos alunos, verificando as motivações para a escolha do curso normal e as contribuições para o conhecimento da História da Educação de Ituverava.

Palavras-chave: Escola. Educação. Memórias

ITUVERAVA NORMAL SCHOOL: TRAJECTORIES AND MEMORIES

SUMMARY: This text is part of an investigation that objectifies the elaboration of a Master Essay to be defended in Moura Lacerda University Center in Ribeirão Preto-SP. It regains aspects associated to the history of "Ituverava Normal School", giving emphasis to the teacher's formation during the period from 1950 up to 1970. It identifies the questions of genus, the students' economic and regional profile, checking the motivations for choosing the "Normal" Course and the contributions to the knowledge of Ituverava Education History.

Keywords: School. Education. Memories.

INTRODUÇÃO

A criação da escola Normal de Ituverava em 1950 e sua instalação em 1951, evidenciam uma importância para a cidade. A periodização delimitada para o estudo foi entre os anos de 1950 a 1970, mas durou quase meio século, até 1988, quando encerrou suas atividades atendendo a requisitos de implantação da LDB 9394/96, conforme artigo 62 dessa lei, pela qual a formação de docentes para atuar na educação básica passou a ser o nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação. Foi admitida, como formação mínima para o magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

A reforma Capanema, iniciada em 1942, pelo Ministro da Educação estabeleceu a Lei Orgânica do Ensino Normal, implantada em 1946 que teve sua estrutura fundamentada no Decreto-Lei 8.530/46, que, de acordo com o artigo 1º, estabelecia as finalidades do ensino normal: formar professores para as escolas primárias; habilitar administradores para essas

¹ Mestre em Educação.

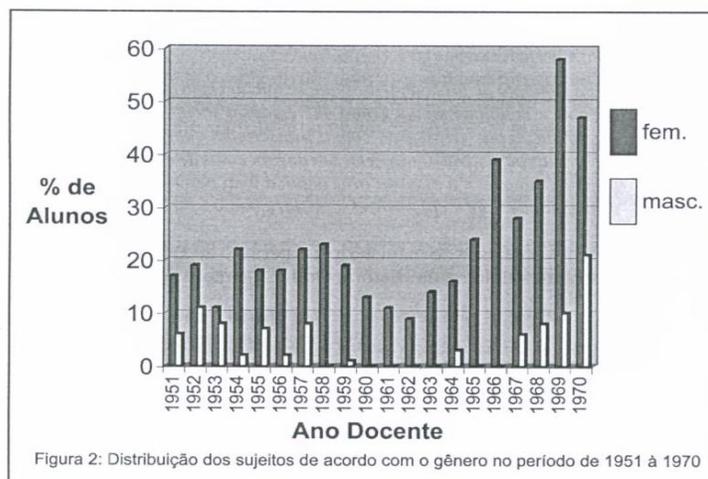
escolas entre outras que vigorou até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024 em 20/12/61. Estas duas legislações embasam o período estudado. A Lei 4.024/61, que veio substituir a Reforma Capanema, foi a primeira lei brasileira a estabelecer diretrizes do pré-primário ao superior, quando os currículos deixaram de ser rigidamente padronizados, admitindo-se uma variedade optativa. Essa legislação estabelece em sua estrutura do ensino médio: ginásio de quatro anos e colegial de três anos, ambos abrangendo diferentes modalidades, inclusive o normal.

[...] A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 4,024), que data de 1961, representou um considerável avanço em matéria de legislação educacional, embora não tenha conseguido atingir seus objetivos na plenitude. Além disso, nas condições da época, a Lei nº 4,024/61 não soube antecipar-se à grande transformação social que viria a ocorrer no Brasil, nestas últimas décadas[...] (NISKIER, 1996).

Pesquisas efetuadas durante o ano de 2001, nos documentos dos arquivos da escola estadual de 1º e 2º Graus Capitão Antonio Justino Falleiros permitiram estabelecer algumas conclusões. Observamos que desde a sua instalação houve uma predominância feminina: 83% FEMININO e 17% MASCULINO no período de 1951 a 1970 (como figura 1).



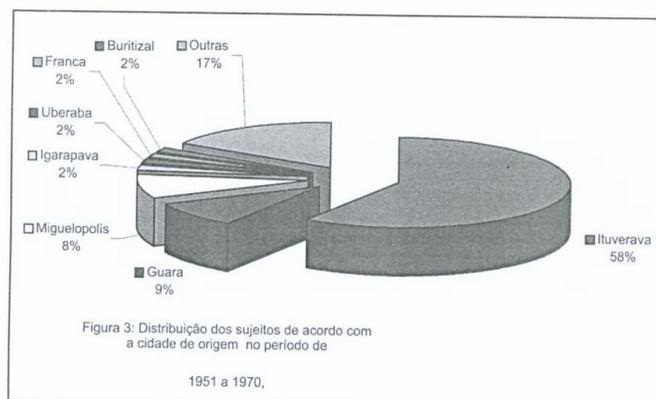
Constatamos que esses alunos, em sua maior parte eram originários de Ituverava, filhos de agricultores, lavradores, comerciantes e funcionários públicos. Eram, portanto, jovens oriundos de classe média, indicando que a busca pelo curso era uma forma de ascensão social. Os alunos que estudaram nessa escola, não tinham oportunidades de realizar seus estudos em outros centros ou mesmo na capital e, dessa forma, a Escola Normal se constituía numa alternativa privilegiada. Notamos que a partir de 1964, houve uma expansão pela procura do curso (como figura2).



Essa demanda é resultante das informações ocorridas em toda a sociedade brasileira, algumas delas provocadas pelo crescimento dos centros urbanos, acompanhando a expansão demográfica, do desenvolvimento dos setores de prestação de serviços e pela demanda dos cursos de nível médio que davam acesso ao ensino superior. Gilly (1993) aponta que, nos anos 60, o movimento de democratização dos estudos comportou instalação de um aparelho institucional novo repousando sobre o duplo princípio da prolongação dos estudos e do acesso ao ensino secundário aberto a todos. Da mesma forma Carlos Monarcha afirma que no século XIX, ...

A Escola Normal de São Paulo atraía em sua grande maioria pobres à procura de promoção social. A carta de normalista possibilita aquisição de cultura e oportunidade de um emprego na administração pública[...] (MONARCHA, 1999).

Os documentos revelam que a origem geográfica dos alunos matriculados no período de 1951 a 1970 era, em sua maioria da cidade de Ituverava e de cidades vizinhas (como na figura 3).



Os estudos sobre a memória serão efetuados por meio da metodologia da história oral. Ela é concebida por Meihy como:

[... /um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, como o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento”[.../ As entrevistas permitirão interpretações de processos de ensino e assim, Meihy menciona como pressuposto que: “a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. (MEIHY, 1996).

As motivações dos alunos em busca do magistério, no período de 1950 a 70, foram captadas através de depoimentos orais, segundo a metodologia da História Oral. Essa motivação foi assim justificada pelas ex-alunas:

[...] Quando cursava a Escola Normal, eu morava em Ituverava. Procurei a escola porque eu queria ser médica, mas o científico e o normal eram no mesmo período e, então, eu não tinha outra opção, porque minha educação foi no modelo mais tradicional, então eu segui a sugestão de meus pais de fazer normal e, depois que eu me formasse, eu poderia escolher outra profissão[...] Quando fiz o Normal, vi a beleza de se ensinar, eu me encantei com isso[...]]DEPOIMENTO de 14/01/02).

A opção pelo magistério relatada acima, advinda da influência dos familiares, vislumbrava um início do processo de formação profissional para progressivamente dar continuidade aos estudos. A partir do momento em que ocorreu a identificação com a profissão escolhida e o encantamento para se ensinar, ocorre o vínculo professor-aluno, e sua incidência na própria construção do conhecimento.

[...] porque era um sonho infantil, talvez tendo, como espelho, outras professoras, ou por ideal. Essa depoente achava que ser professora era a carreira mais linda que havia e a principal também, porque... “ensinar a ler e escrever era difícil e isso implicaria numa série de fatores desde a maneira de usar o lápis, segurar o livro, sentar-se e outras coisas[...] Tentar inculcar em cada uma daquelas crianças, o tão importante senso de responsabilidade, com certa liberdade, seria o mesmo que ensinar – educando[...] Como diz o provérbio: para os pais: “a mão que educa, deve ser a mesma que acaricia”, para os professores: “Eduquemos a criança de hoje, para não punir os homens de amanhã”. Quanto mais escolas houver, menos cadeias serão construídas nesse país[...] (DEPOIMENTO de 25/01/02).

Essa escolha profissional se fez por vocação e deve ser pensada, levando-se em consideração a importância que essa atividade tem na formação das crianças. A tarefa do educador reveste-se de uma importância enorme sob o ponto de vista da subjetividade. Os professores são referenciais importantes, principalmente, na fase em que a criança está construindo a sua identidade. Colaborar na formação da imagem desse aluno como pessoa, é

modelo que, às vezes, o aluno não encontra na família e o professor transmite não só conteúdos, mas posturas, sendo, pois, o exemplo preciso.

[...] Procurei a Escola Normal porque não havia outra opção e aqui, em Ituverava, funcionava o Magistério. Meu pai tinha vários filhos e eu não podia sair fora para estudar; então procurei esta escola por falta de opção. (DEPOIMENTO de 15/01/0).

Motivos diferentes assinalaram o porquê da escolha do magistério e não podemos omitir que o professor tinha uma valorização social especial nessa época. Essa profissão representava uma nobreza de sentimentos e ideais. A opção das mulheres, principalmente, pode ser definida como uma imposição determinada por vários fatores ou até por falta de outra opção tendo em vista o fator econômico: família numerosa, muitos filhos e a impossibilidade de cursar uma faculdade fora da cidade. As universidades estavam longe das possibilidades de alguns estudantes, significavam a realização de desembolsos econômicos impossíveis de a família suportar.

[...] Quando cursei a Escola Normal, morava em Ituverava. Procurei a escola Normal porque já fazia parte da tradição da minha família, todos nós fomos ser professores e eu passei a gostar da profissão porque minhas irmãs, que eram bem mais velhas, já eram professoras e aquilo me encantava”. (DEPOIMENTO de 24/04/02)

Novamente, a influência familiar é percebida e pode-se ressaltar que o tipo de contingente estudantil que ajudou a construir uma fisionomia intelectual e pedagógica era respeitado pelos pais e pelos alunos. Esse profissional da educação, até a década de 60, teve uma notável importância social, era um caminho a ser percorrido com satisfação. A formação docente era um fator essencial na qualidade da educação.

Com relação ao corpo docente, a professora busca em suas memórias:

[...]“Os professores eram bem preparados e preocupados com a maneira de transmitir seus conhecimentos. Quase todos possuíam curso superior, a bagagem cultural de cada um era ótima!

Mostra uma visão não mencionada por outros ex-alunos e que contradiz outros depoimentos sobre os professores:

[...] Havia alguns completamente desinteressados no propósito de “ensinar”[...] Davam sua aula[...] ok[...], como diriam os garotos de hoje: “tchau e bênção”. Esses não continuaram como professores e partiram para outras áreas. Alguns deles, ocupavam outros cargos e “dar aulas” no Curso Normal seria uma complementação de renda: isto é uma suposição, talvez possa estar enganada. A maioria desses professores possuía curso superior: médicos, advogados, juiz de direito, promotor e outros, exercendo também seus cargos... (DEPOIMENTO de 25/01/02).

Para ser um bom professor, é preciso ter algumas qualidades que não precisam ser inatas; podem ser desenvolvidas, desde que haja interesse e empenho; do contrário, haverá sempre a busca de outras profissões ou atividade completamente diferentes.

Evidencia-se pelos depoimentos que, inicialmente, alguns membros do corpo docente não possuíam formação específica, faltavam pedagogos na escola e a docência era atribuída a médicos, engenheiros, advogados, promotores. Segundo a ótica dos alunos, o nível de ensino era bom apesar do tipo de formação dos “professores”.

Os alunos da escola Normal, principalmente, a partir da metade da década de 50, receberam a influência da escola Nova. Essa concepção, que colocava a criança no centro do processo educativo, rompia com a instituição formalista e verbalista. O fazer do educando, dentro do escolanovismo, tornava-se o elemento central da aprendizagem, valorizando a autoformação e a atividade espontânea. Entre os documentos da escola, havia o registro de atividades valorizadas pela Escola Nova, como o método para a elaboração de projetos, proposto por Dewey, centrado na prática dos alunos; excursões, atividade social recreativa e cultural.

Uma ex-aluna nos relata que:

[...] Algumas atividades curriculares a gente tinha à noite. A escola era também um ponto de encontro mesmo e até de diversão, porque tinha um clube de sociologia. Acho que por isso eu gostava tanto de sociologia na época e me encontrava na escola com os colegas. Nesses encontros, havia planejamento para excursões, visitas a museus, para fazer alguma coisa fora e mesmo de encontro para troca de conhecimento. Era muito bom o curso de sociologia. A minha participação era essa: eu era sócia do clube e o significado era justamente levar o aluno para um objetivo maior, coisa que a escola hoje em dia não dá para o aluno. Era uma coisa gostosa, todos saíam, era um ponto de lazer, todos reunidos e o objetivo era cultural e de lazer porque nos proporcionava muitas coisas; isso era muito bom. (DEPOIMENTO de 15/01/02)

Buscando em suas memórias, uma professora relaciona alguns livros que eram indicados por professores para leitura: Educação para uma civilização em mudança de William Heard Kilpatrick, discípulo de Dewey, Educação funcional do Claparède, Escola Nova de Paul Fouquie, Educação não privilégio de Anísio Teixeira e muitos outros[...]

[...] Líamos muito nessa época, principalmente para a professora de Psicologia, mas eram livros adquiridos pelos alunos mesmos. A Biblioteca nessa época, era bastante deficiente, não tinha número suficiente de livros e nem mesmo obras variadas[...] (DEPOIMENTO de 24/04/02).

A influência do pensamento escolanovista tem sido significativo ainda hoje e os métodos foram sendo aperfeiçoados. Paulo Freire, herdeiro de muitas conquistas da Escola

Nova, denunciou o caráter conservador dessa visão pedagógica e observou que a escola podia servir tanto para a educação como prática da dominação, quanto para a educação como prática da liberdade. Defende a educação centrada no aluno, enfatizando a discussão, o diálogo, a comunicação; respeitando o conhecimento do aluno e sua capacidade para assumir sua própria identidade. Através de uma educação problematizadora se é capaz de encontrar soluções de problemas, porque “[...] a educação visa à liberdade, à transformação radical da realidade para melhorá-la para torna-la humana, para permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos[...]” (Gadotti, p.08 Internet).

Outra influência da Escola Nova surge, principalmente, quando[...]

[...] Costumamos dizer que “mais importante que aprender, é aprender a aprender”. Aceitamos facilmente a afirmação de que a mais importante ciência auxiliar da educação é a psicologia. Concordamos entusiasticamente quando se diz que, formando indivíduos críticos e não preconceituosos estamos contribuindo para a transformação social. Achamos mais importante renovar os métodos do que repensar conteúdos.

São indícios de que, para o bem ou para o mal, a Escola Nova se enraizou profundamente nas nossas cabeças”[...] (GIORGI, 1986)

A afirmação da ex-aluna deixa transparecer a influência que teve em seu curso:

[...] Sempre achei também Piaget o máximo em matéria de educação. Gosto muito do Neill, mas Piaget é uma liberdade construída, centrada, eu sempre fui mais para esse lado e consegui algumas coisas[...] mas eu também tive professores maravilhosos quando estudei, a Tetralda foi uma delas”[...] (DEPOIMENTO de 14/01/02).

A referência a Neill reporta-se à experiência de uma escola na Inglaterra: a escola livre de Summer Hill, levada à frente por Alexandre Neill, que representava a perspectiva liberal, não progressista, mas igualmente baseada no princípio da afirmação da liberdade sobre a autoridade. Neill confiava na natureza da criança, no autogoverno, na auto-regulação do ensino-aprendizagem: segundo ele, a dinâmica interna da liberdade é capaz de por si mesma conduzir a vida e a experiência até às mais ricas e variadas formas de vivência. A missão do professor consistiria então em estimular o pensamento e não injetar doutrinas.

O objetivo da educação seria que a criança viva sua vida e não a do adulto; que trabalhe alegre e positivamente, anulando o subconsciente adquirido na família. A escola deveria desafiar o poder, o ódio e a moral. A criança deve fazer tudo o que quiser. Mas o querer tem que ser regulado pelas decisões tomadas coletivamente em assembleias onde estão estabelecidos horários, normas e conteúdos. O princípio básico do trabalho de Neill é a liberdade interior, individual. Sustentava que as crianças devem ser livres internamente, livres do medo, da hipocrisia, do ódio e da intolerância.

Jean Piaget (1896-1980), investigou a natureza do desenvolvimento da inteligência na criança, propôs um método da observação para a educação da criança, uma pedagogia experimental que mostra como a criança organiza o real. Recomenda utilizar métodos ativos, dar ênfase às pesquisas espontâneas da criança e do adolescente. Fez críticas à escola tradicional porque não ensinava a pensar e, sim, a copiar; que o professor devia respeitar as etapas do desenvolvimento da criança, a qual deve aprender por si própria a conquistar o verdadeiro, a reconstruir. Para ele, o papel da ação é essencial.

[...] Em resumo, o princípio fundamental dos métodos ativos só se pode beneficiar com a História das Ciências e assim pode ser expresso: compreender é inventar ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar e não apenas de repetir". (PIAGET, 1988).

Essa mesma depoente piagetiana comenta sobre as disciplinas do curso normal:

[...] As disciplinas do curso normal com que eu mais me identificava eram Psicologia, Filosofia, porque uma não vive sem a outra, nem a Sociologia, História da Educação, você nunca pode ver o conhecimento cartesiano, ou seja, tudo fragmentado. Hoje em dia, sabe-se que a ênfase é dada ao total, ao holístico. Então eu sempre vi assim. Gostei de Psicologia, mas sempre precisa da Filosofia, da História, da Geografia. Tudo o que vai ensinar, o professor tem de estar inserido nesse contexto, não se pode isolar da política, tem de estar centrado, é um ser que precisa ser desenvolvido completamente em todo setor, inclusive no voluntariado. Como você vai ensinar para uma criança valores? Ele tem que participar de campanhas, mostrar isso através da história e fazendo. Quem não conhece não pode optar. Eu me identificava com todas as disciplinas, gostava de ler, porque eu já percebia que havia um entrosamento entre elas. Se você pensar uma, separada da outra, você não consegue ter uma visão global[...] Eu acabei de ler um livro sobre isso: o Ponto de Mutação, esse livro é maravilhoso, mostra para você que nem o médico vai olhar para você como um fígado, mas como uma pessoa que tem um fígado. Você não pode olhar para seu aluno como uma pessoa em quem eu preciso despejar conhecimento. Ele é uma pessoa total, é uma personalidade desenvolvida em todos os aspectos e eu preciso estar preparado para isso. Não se pode isolá-lo dos seus colegas, as matérias não são estanques, todas devem estar junto, porque cada um é responsável por aquele que está na sala de aula"[...]

Conforme os comentários acima, detectamos um significado se nos reportarmos à leitura sobre a visão holística de Jorge Ponciano Ribeiro (in. BRANDÃO, 1991), que mostra como a educação holística difere da educação tradicional, por ser integral e não fragmentada: reflexiva e não mecanista; possuir qualidade e não quantidade; não ser enciclopedista; não ser interdisciplinar, mas transdisciplinar; não ser linear, mas global; não levar à memorização, mas à construção, criação; não ser compartimentada, mas sim contextualizada; não ser desarmoniosa, mas harmoniosa; não ser reprodutora, mas libertadora; não determinista, mas possibilista, não ser de fora para dentro, mas internacionalizada; não ser cheia de tabus, mas liberal; não ser imposta, mas espontânea, não dar uma visão parcial, mas uma visão total; não

se preocupar com a aparência, mas com a essência; não partir do passado para explicar o presente, partir do presente para explicar o passado; não ser do mediato para o imediato, ser do imediato para o mediato; não é estar no mundo, mas estar com o mundo; não ser estática, mas dinâmica; não ter anacronicidade, mas sim sincronicidade, não ser uma educação para o momento, mas permanente; não ser desmotivadora, mas sim motivadora; não ser punitiva, mas valorizadora de qualidades facilitadoras, não ser uma educação como produto, mas como processo que dura à vida toda e, por fim, o conhecimento não ser algo definitivo, mas inacabado... Há um novo paradigma, uma nova visão de mundo, que redescobre e percebe a inter-relação de tudo, e que tudo está em movimento: resgata o significado e a importância da vida e da existência humana, no universo em permanente mutação.

Em Voar e Observar, citado na bibliografia, há críticas feitas pela autora quanto à forma fragmentada com que se tratava a trata-se ainda o conhecimento. Afirma-se que existe uma incapacidade da educação quanto à forma inábil de ensinar habilidades básicas e aumentar a auto-estima; que embora se tenha um grande número de pessoas envolvidas na educação, ela reage lentamente frente às grandes descobertas em outros campos; refere-se também à desumanização que está presente nas escolas; à falta de requisitos básicos da educação e que contribui para um empobrecimento da experiência advinda da escolarização.

A autora cita a doença pedogênica originada das deficiências causadas à criança pelo professor, principalmente, em sala de aula, durante o processo de aprendizagem formal. O professor cerceia o arriscar e o explorar da criança, ou seja, o aluno vive sob tensão, depara-se com conflitos que não são resolvidos; passa a ter medos, e, às vezes, é induzido pelas atitudes do professor a se afastar da aprendizagem. As suas expectativas ao chegar à escola são diferentes do que passa a vivenciar em sala de aula, inclusive quanto ao espaço físico, sentindo-se tolhido. Depara-se com um mundo totalmente diferente e desestimulante, dissociado do mundo real, fragmentado e “sem sentido”.

Através da memória das normalistas da época, procurou-se buscar as dificuldades encontradas nas disciplinas que compunham o currículo. Várias obras a partir da década de 50 alteraram o cenário educacional. Entre elas, as idéias de Piaget. No imaginário das ex-alunas, as experiências educacionais dependeram da sorte de ter tido bons professores, sendo o passado ressignificado como melhor que o presente.

[...] Eu não tive dificuldades nas disciplinas porque sempre gostei muito de estudar. Eu tive sim, quando fui ler Piaget, toda aquela estruturação, tive que me organizar na maneira de estudar, precisei escrever, só lendo eu consigo perceber, mas precisei usar outros recursos, essa foi uma dificuldade, mas não uma dificuldade de compreensão. Tive professores maravilhosos... fiz muitas leituras... porque a leitura busca o

conhecimento e isso estrutura. Você não deve conhecer somente sua área, mas um pouco de tudo, ler jornal. O conhecimento tem uma velocidade astronômica hoje, e não consegue-se dominar tudo, mas precisa-se participar. (DEPOENTE de 14/01/02).

Para Demerval Saviani, a concepção que está na base do movimento da Escola Nova é a concepção humanista moderna:

[...] O ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores, acabando por gerar conseqüências também mais amplas[...] e cumpre assinalar que tais conseqüências foram mais negativas que positivas, uma vez que provocou o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível de ensino destinado às camadas populares[...] Em contrapartida, a Escola Nova aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites[...] é melhor uma boa escola para poucos do que uma escola deficiente para muitos.

Do ponto de vista pedagógico, conclui-se, pois, que, se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender, para a pedagogia nova, aprender a aprender, e, para a pedagogia tecnicista, o importante é aprender a fazer"[...] (Saviani, 1983). Ainda Saviani no mesmo livro, periodiza as diferentes correntes ao longo da História do Brasil da seguinte forma:

[...] ” 1º. Até 1930, predomínio da tendência “humanista” tradicional. 2º. De 1930 a 1945: equilíbrio entre as tendências “humanista tradicional e tradicional moderna. 3º. De 1945 a 1960: predomínio da tendência “humanista” moderna. 4º. De 1960 a 1968, crise da tendência “humanista” moderna; articulação da tendência tecnicista. 5º. A partir de 1968: predomínio da tendência tecnicista e concomitante emergência de críticas à pedagogia oficial e à política educacional que busca incrementa-la”.

A professora buscando em suas memórias no dia 24/04/02 esse momento relata:

[...] Tivermos nova nossa formação uma influência da Escola Nova, aliás foi no momento em que estava florescendo na educação essas idéias da psicologia em relação à escola nova. A escola voltada para o interesse da criança mesmo a nossa preparação para estar dando as nossas aulas. Já havia esse cuidado para trabalhar de acordo com o interesse do aluno e até mesmo um certo exagero, como foi o resultado da época mesmo.

Embora houvesse uma influência da Escola Nova em algumas disciplinas, como em Psicologia da Educação, Prática de Ensino, havia uma contradição quanto à maneira de se fazer a avaliação em relação a outras disciplinas, como História, Geografia, cobrando apenas a memorização, a devolução dos conteúdos ensinados. Algumas delas eram bem conteudistas e a pedagogia do medo era utilizada.

[...] as avaliações eram bem espantosas; a gente tinha muito medo das avaliações, principalmente de Psicologia da Educação. A gente estudava, lia[...]lia[...] lia e, na hora da prova, era muita pressão, era muita cobrança, eu acho que essa parte no curso normal foi bem mesmo. A gente ficava aflita, ansiosa, acho que não poderia ser assim. O curso que a gente fez foi muito bom, mas essa parte da avaliação nos deixava muito ansiosos, muito desesperados. A gente lia, lia e parece que os professores não tinham muito jeito para lidar com a avaliação, era mesmo bem antidemocrática, bem autoritária. (DEPOIMENTO de 15/01/02).

[...] elas eram bastante castradoras, prova é que minha turma que começou com trinta e um alunos no curso magistério, termina com onze, porque os resultados de avaliação geralmente eram desmotivantes e todos esses alunos que saíram, saíram para outras escolas da redondeza, ficando mesmo só os onze alunos. As avaliações, mesmo com a professora de psicologia, eu acho que faltava um certo discernimento do professor em estar avaliando. Nós éramos ainda adolescentes, com 17 anos naquela época, nem isso, 16 anos e não tínhamos uma visão de mundo em relação à educação tão ampla, que pudéssemos compreender e discernir todo aquele aparato que chegava para a gente. A leitura era de livros que exigiam um certo conhecimento anterior para você estar sabendo interpretar melhor. Aquele aluno que tinha mais facilidade de interpretar os livros, era melhor. A gente fazia todo mês uma prova de questões da matéria que era trabalhada em psicologia e depois uma prova dissertativa. Era uma tese, havia uma introdução, um desenvolvimento, uma conclusão e a gente não tinha um nível *de pensamento* pronto para estar fazendo uma prova desse nível. Então estava aí, eu acredito, o fracasso de muitos alunos em relação à avaliação”. (DEPOIMENTO DE 24/04/02).

[...] As avaliações eram na sua maioria devoluções (lia e devolvia) existia exceção em Psicologia por exemplo... era muito interessante porque tinha um problema para você resolver. Era prova sempre escrita, você tinha que resolver um problema, argumentar. Desenvolvíamos uma tese. Você fazia a introdução, desenvolvimento e conclusão. Havia um ordenamento racional do conhecimento para aplicar, não era desenvolver, era observar e aplicar, era o ideal[...] (DEPOIMENTO de 14/01/02).

[...]As provas eram teses, não eram perguntas e respostas, você tinha que fazer uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Era sorteado, um ponto na hora, tinha um saquinho com umas pedrinhas e o aluno escolhia um número[...] eram escritas e orais, pegavam sempre as pessoas de surpresa”[...] (DEPOIMENTO de 09/01/02).

Em uma Ata da Escola Normal, datada em 20/11/1952, havia instruções para organização de “teses” em substituição à lista de pontos para sorteio.

Na formação profissional oferecida pela escola normal, notava-se a presença do enciclopedismo, coexistindo com as idéias propagadas pela Escola Nova. A prática pedagógica para alguns professores ficou em segundo plano. Como diz Demerval Saviani a escola Nova não conseguiu acabar com a escola “tradicional”, visto que ela ainda está entre nós e constitui o padrão dominante nas redes escolares[...] “Evidentemente, quando se delinea o perfil de um profissional, o que se leva em conta é o conjunto de características comuns à maioria, e não a todos”[...] (Secretaria da Educação Fundamental, 1999).

Os alunos eram estimulados à competição, pois quem se formava em primeiro lugar, recebia uma cadeira do Estado e quem se formasse em segundo lugar, receberia uma cadeira do Município, estando assim garantida sua inserção no mercado de trabalho.

Em relação a esse fato, a depoente do dia 09/01/02, relata:

[...] que na época da escola normal, estudava-se muito, havia uma competição para ganhar a cadeira estadual e então você achava que um professor podia proteger alguém e muitos podiam se sentir prejudicados. Era uma coisa para a vida inteira, era uma garantia, você se removia a saía só quando você queria. Hoje, eles removem você para longe e, às vezes, você fica até sem o cargo e isso prejudica o ensino,

porque o professor desanima. Antigamente, queríamos que a nossa escola fosse a melhor, que os nossos alunos também fossem os melhores. Tinha-se um vínculo maior com a escola”

Esses registros de depoentes possibilitaram-nos captar memórias adquiridas durante o curso Normal.

[...] entre as modalidades de registro: por exemplo, o escrito com carimbo institucional, começa a deixar de ser a única fonte “fidedigna”. O reconhecimento de tradição, como fonte válida, inclusive enquanto contraposição aos registros dos escritos de caráter unívoco, contribui para subverter a “memória do rei” e questionar a história oficial, a “verdadeira”. (LOUZADA, 1992).

Os depoimentos orais trazem à tona, o que está submerso. A lembrança é a sobrevivência do passado, é o refazer, o reconstruir e o repensar: O ato de preservar, de relembrar acontecimentos, possibilita novas idéias e reflexões.

Tanto a memória como a identidade são sociais e, à medida que se vai narrando, a memória se torna viva. A memória trabalha com subjetividades e objetividades, com bloqueios, nota-se pelos depoimentos um certo esquecimento de coisas desagradáveis... um ou outro deixa escapar as lembranças dos ressentimentos.

Esse estudo identifica as transformações operadas na formação profissional dos professores e as mudanças em relação ao ensino ministrado no interior dessa instituição escolar e que vieram a interferir na função social, responsável pelo processo educativo. Os testemunhos são importantes no sentido de elucidar caminhos percorridos numa época em que toda mulher queria estudar para vir a ser professora; a profissão era valorizada e todos a respeitavam[...] “O pai nunca ia contra o professor; se o filho errasse o professor podia falar o que fosse e o pai lhe dava razão. O professor era respeitado pelo aluno, pai e comunidade”[...] (depoimento de 09/01/02).

O agir cotidiano não é neutro, pois uma profissão leva marcas de valores, normas, modelos, símbolos, enfim um saber próprio. O fazer profissional do professor é complexo, porque na articulação do sujeito com o objeto, há uma relação indivíduo e sociedade, e é esse sentido social que é apropriado pelo sujeito na sua prática concreta. As representações ocorrem e se organizam “enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros e organizam as comunicações e as condutas sociais”. (JODELET, 1989).

A representação social não pode ser adaptada como um dado estanque e isolado, pois há um homem concreto relacionado e histórico, inserido num tempo e espaço específico que

circula e estabelece troca de diferentes ordens. Portanto, o homem não é um somatório de partes, é uma totalidade dinâmica, em contínua construção, pois,

[...] em cada homem, o processo de construção de representações sociais envolve, a igual título, o cognitivo, o inconsciente, o afetivo, o emocional[...] Assim, a representação de um objeto e, tanto a síntese possível a um dado indivíduo, num determinado tempo e espaço, de um processo no qual ele, em sua totalidade, está envolvido, quando leva as marcas da inserção deste mesmo indivíduo na totalidade social. (ALLOUFA; MADEIRA, 1995).

A Escola Normal de Ituverava foi extinta em virtude da nova LDB 9394/96 e, realmente, sempre primou por um ensino de qualidade nesse período pesquisado (1950-1970). Um curso que se comprometeu com a formação profissional humanista e profissional de educadores.

“Os pensamentos, as idéias não se constroem isoladamente. Por isso, na expressão de cada pensamento individual encontra-se a síntese do pensamento coletivo”[...] (RANGEL, 1999).

[...] “A escola aqui era de muita projeção na região, era ótima... Professores bons[...] que tinham vocação... eram idealistas, possuíam amor pelo que faziam, gostavam da profissão, eram pessoas humanizadas, faziam de tudo para o aluno progredir, aprende[r...] Todos valorizavam o prprofessor[...] Os pais dos alunos também davam muito apoio aos professores[...] tinham status”[...] (DEPOIMEMTO de 09/01/02).

Tornar-se professora numa instituição pública formadora com repercussão, era um passaporte garantido para o ingresso em cursos superiores e uma garantia para entrar no campo de trabalho e obter sucesso. São professores que se empenharam, que buscaram superar suas próprias dificuldades e que, ainda hoje, alguns estão trabalhando.

Marcelo Gleiser em seu artigo: Velocidade da informação desafia a educação moderna, coloca que:

Informação é poder. E, sem educação, não é possível ter acesso à informação. Mas, simples acesso à informação não é tudo. É necessário que saibamos refletir ativamente sobre a informação recebida, e não só recebe-la passivamente[...]. Daí o papel do educador, não só de transmitir informação, mas também de convidar sua audiência à reflexão, ensinando todos os métodos necessários para tal como também a arte de duvidar. Educação é um processo de colaboração ativa entre o educador e sua audiência à reflexão[...] criticar racionalmente”[...]

Discutir a docência também é reconhecer a trajetória dela e sua constante transformação, pois é no passado que se encontram as raízes do presente[...]

FONTES

- . Documentos escolares: leis, decretos, regulamentos, normas, pareceres de livro de atas, de matrículas, fichas individuais, ou seja, documentos disponíveis nos arquivos da escola;
- . Jornal de cidade: A Tribuna de Ituverava 70, 76, 82, 87, 88, 124, 128, 1788;
- . Revista de Ituverava de 10/03/1963;
- . Entrevistas orais: a proposta é a de selecionar através de amostra estratificada os ex-alunos que se formaram nessa escola no período estudado para obtenção de informações variadas, sobre os professores, currículo, avaliações, que nos levem a atingir os objetivos traçados inicialmente;
 - . Lei Orgânica do Ensino Normal;
 - . Lei de Diretrizes e Bases 4024/61;
 - . Livro de assentamento das atividades extracurriculares dos professores (aberto em 01/04/54).

REFERÊNCIAS

- ALLOUFA, J.; MADEIRA, M. **Representações da educação**: que relação é esta? In: Colóquio Franco Brasileiro Educação e Linguagem/2. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Université de Caen. Nata / RN, 1995, p.15.
- BRANDÃO, D. M. S.; CREMA, R. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus, 1991, p.136 a 145.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Formação de Professores. **Referenciais para a formação de professores**. Brasília: A Secretaria, 1999, p.32
- FERGUSON, M. **A conspiração aquariana**. Tradução: Carlos Evaristo M. Costa. 4 ed. São Paulo: Record, Cap.9. (Voar e Observar: Novos Caminhos para o aprendizado).
- FERNÁNDEZ, A. Formação docente: o desafio da qualidade cotidiana. **Pátio**: Revista Pedagógica. v.1, n.4. fev./abr.1998.
- GADOTTI, M. **A voz do biógrafo brasileiro**: a prática à altura do sonho. P.08 – internet Acesso em fev.2000.
- GIORGI, Cristiano di. **Escola Nova**. São Paulo: Ática, 1986, p.5-6/9 (Série princípios).
- GLEISER, M. **Velocidade da informação desafia a educação moderna**. Folha de São Paulo. Folha mais. 4 out. 1998.

-
- GILLY, M. Lês representations sociales dans lê champ éducatif. Tradução da Profª Dra LIMA, Rita de Cássia Pereira. In D. Jodelet. **Les representations sociales**. Paris: P.U.F., 1993, p.363-386.
- JODELET, D. Representations sociales: um domaine em expansion. Tradução da Profª Dra LIMA, Rita de Cássia Pereira. In. D. Jodelet (org) **Lês Representations sociales**. Paris: P.U.F., 1989, p.36.
- MADEIRA, M. C. Representações sociais: pressupostos e implicações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, n.171, p. 129-144, 1991.
- MADEIRA, M. C. **Representações sociais de professores sobre a própria profissão: a busca de sentidos** – Universidade Católica de Petrópolis – UCP – disponível em: <http://www.anped.org.br/2007/t.htm>. Acesso em 26/08/01.
- LOUZADA, N. M. Diferentes suportes para a memória. In: São Paulo (Cidade) Secretaria Municipal da Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p.13.
- MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996, p.11.
- MONARCHA, C. **Escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Unicamp, 1999, p.113.
- NISKIER, Arnaldo. **A nova Lei da Educação**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996, p.295.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, p.14-17.
- RANGEL, M. Das dimensões das representações do “bom professor” às dimensões do processo de ensino-aprendizagem. In: TEVES, N., RANGEL, M. (org). **Representações Sociais e Educação**. Campinas: Papirus, 1999, p.47-77.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 1987, p. 14, 15, 62. (Coleção Polêmicas).